

Oficinas itinerantes, entalhadores nômades: Guardiano das Chagas, um entalhador carioca na Capitania de São Paulo

*Itinerant manufactories, nomadic carvers: Guardiano das Chagas,
a carioca woodcarver in São Paulo Captainship*

Thales Gayean

Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto
Orcid 0000-0002-9635-6049, thalesgayean@gmail.com

Mateus Rosada

Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais
Orcid 0000-0002-2099-5290, mateusrosada@ufmg.br

Resumo

Este estudo aborda a forma de instalação e organização das oficinas de tálha itinerantes, maneira de organização profissional relativamente comum no Brasil Colonial. Para tanto, utiliza-se como estudo de caso a trajetória de Guardiano José das Chagas (Rio de Janeiro, ca.1744 – Guaratinguetá[?], após 1809), entalhador nascido no Rio de Janeiro e que se estabeleceu com oficina, sucessivamente, em Parati e em Guaratinguetá, com obras nessas duas cidades e em povoações próximas. O registro de suas mudanças de município é um caso bastante interessante para se compreender como se davam as relações entre contratantes e os artífices contratados no Brasil de fins do século XVIII e inícios do XIX e as dinâmicas de confecção e entrega de obras de grande peso e volume, como os retábulos das igrejas das cidades mencionadas.

Palavras-Chave: Brasil; São Paulo (Estado); Artífice; Rococó; Entalhe.

Abstract

This paper addresses the form of installation and organization of itinerant woodcarving workshops, a relatively common way of professional organization in Colonial Brazil. Therefore, the trajectory of Guardiano José das Chagas (Rio

de Janeiro, ca.1744 - Guaratinguetá [?], After 1809) is taken as a case study, a carver born in Rio de Janeiro who established himself and his workshop, successively, in Parati and Guaratinguetá, working in these two cities and nearby places. The existing record of his changes from one location to another make it a very interesting case to understand how the relations between contractors and employed craftsmen worked in Brazil at the end of the 18th century and early 19th century, and the dynamics involved in executing and delivering considerably large and heavy artworks, as are the altarpieces found in the churches of the mentioned cities.

Keywords: Brazil; São Paulo (state); Craftsman; Rococo; Woodcarver.

Introdução

Com a roupa encharcada,
a alma repleta de chão,
Todo artista tem de ir aonde o povo está.
Se foi assim, assim será...¹

Numa região do estado brasileiro de São Paulo que se localiza próxima à divisa com os estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro está a parte inicial do chamado Caminho Velho da Estrada Real, uma via que percorria o trajeto entre o porto fluminense de Parati e as minas de ouro das Minas Gerais. Nesse início da estrada se localizam hoje as cidades paulistas de Aparecida, Guaratinguetá, Cunha e, no lado fluminense, Parati. A ocupação deste território, iniciada nos dois primeiros séculos de colonização, período das bandeiras de apresamento e extermínio de indígenas, e à procura de metais e pedras preciosas, se consolida com a descoberta do ouro nas Minas Gerais, oferecendo o abastecimento e repouso das tropas e viajantes. No último quartel do século XVIII, com a produção aurífera em franco declínio, a região do Vale do Paraíba paulista se volta à produção de açúcar, criando uma nova dinâmica da economia local, e dando origem a uma pequena e abastada elite.

Com o incremento de capitais gerados por esse processo, estas pequenas vilas e freguesias veem sua população aumentar, com o gradual surgimento de uma vivência urbana em uma sociedade antes fundamentalmente rural. Neste contexto, os potentados locais passam a se mobilizar para aumentar e ornamentar as igrejas da região. É o caso da matriz de Santo

1. Milton Nascimento e Fernando Brant. "Nos Bailes da Vida," LP Caçador de Mim (Rio de Janeiro: Ariola, 1981).

Antônio de Guaratinguetá, reedificada e ampliada a partir de 1772, em uma obra arrematada pelo carpinteiro Mateus Machado Pacheco. Após as obras de ampliação, uma nova ornamentação em talha policromada foi executada para a matriz, atribuída ao entalhador Guardiano José das Chagas.²

Nas outras localidades já mencionadas do Caminho Velho encontram-se trabalhos de ornamentação dos templos muito semelhantes, realizadas entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Em 1974 foi apontada pela primeira vez pelo pesquisador Eduardo Etzel a possibilidade da “existência de um mesmo grupo, ou escola, ou oficina de entalhadores, que na segunda metade do século XVIII atendeu a todas estas comunidades religiosas.”³ Posteriormente, em artigo do historiador Benedito Coupé sobre a matriz de Guaratinguetá, é encontrada a primeira referência a um entalhador de nome “Goarino,” que se encontraria em Guaratinguetá entre 1792 e 1793⁴, e a quem o historiador considerou como um possível autor dos retábulos da igreja.

Os Maços de População

Nas pesquisas dos autores deste estudo^{5 e 6} foram encontradas duas menções em documentação primária sobre Guardiano José das Chagas, depositadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). O nome do artífice foi encontrado nos maços de população da Capitania de São Paulo, em duas ocasiões, nos levantamentos dos anos de 1792 e 1809. As menções, ainda que breves e aparentemente despretensiosas, são ricas em informações, permitem traçar um perfil sucinto do entalhador e localizá-lo no tempo e no espaço, dando a conhecer aspectos do seu modo de atuação no território aqui estudado.

Para compreender as informações contidas nos Maços de População, é necessário que nos atenhamos brevemente sobre como foi formado esse conjunto documental, atualmente abrigado no Arquivo do Estado.

2. Thales Vargas Gayean. A talha da matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá: o Rococó carioca no Vale do Paraíba paulista (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto: Mariana, 2018), 19.

3. Eduardo Etzel. O Barroco no Brasil: Psicologia e remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (São Paulo: Melhoramentos, 1974), 161.

4. Benedito Dubsy Coupé. A Catedral de Santo Antônio de Guaratinguetá: 1630-2000 (Guaratinguetá: Secretaria de Estado de Cultura, Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Rodrigues Alves, 2000), 11.

5. Gayean, A talha da matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá.

6. Mateus Rosada. Igrejas Paulistas da Colônia e do Império: Arquitetura e Ornamentação (Tese de doutoramento, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo: São Carlos, 2016).

Os Maços foram uma espécie de recenseamento realizado pela Capitania de São Paulo por um período de mais de setenta anos, com início em 1765 e final em 1836.⁷ Estas listas nominativas foram concebidas inicialmente para auxiliar no recrutamento de tropas para servirem no conflito territorial entre as coroas portuguesa e espanhola na região da Bacia do Rio Prata. Não há informações de que outras capitanias do Brasil tenham elaborado levantamentos semelhantes, de modo que essa documentação é encontrada, infelizmente, apenas para as antigas vilas que pertenciam à Capitania de São Paulo, que abrangem os atuais estados de São Paulo e Paraná (este tornado uma província autônoma posteriormente, em 1853). Essa espécie de recenseamento variou muito de periodicidade. Há períodos nos quais as listas são anuais, e há outros com espaçamentos maiores, cujas lacunas podem ter ocorrido por não execução de levantamento em determinados anos, ou mesmo por terem sido perdidas.

Os objetivos dos maços de população também variaram entre as suas edições, fato que também alterou a forma e a quantidade de dados coletados: percebe-se que alguns levantamentos têm intuito mais militar, listando apenas os homens da vila, e outros, mais fiscal, com demonstração de produção e renda dos habitantes, por isso, podem se compor de simples tabelas com a contagem da população de determinada povoação, mas, nos maços mais completos, os indivíduos eram agrupados em domicílios e estes, por sua vez, organizados por Companhias de Ordenanças, nas quais eram arrolados os homens alistados para recrutamento e serviço. As listagens dos maços de população podem exibir informações como cor, idade, estado civil, elencar os dados de esposas, filhos, agregados⁸ e escravos, assim como profissão do chefe da família e, por vezes, a produção e a renda. Os levantamentos que continham essas informações familiares organizavam a população em “fogos,” denominação para as unidades domiciliares ainda comum em Portugal, mas que caiu em desuso no Brasil; nesses casos, os recenseamentos podiam inclusive indicar a rua onde se localizavam os fogos, de modo que, às vezes, é possível saber com precisão o imóvel onde determinado personagem habitou.

Atualmente, todos os maços de população estão microfilmados e parte deles está digitalizada e disponibilizada na internet, através do Repositório Digital do APESP: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/macoss_populacao.

7. Carlos de Almeida Prado Bacellar. “Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico,” *Revista Locus* 14, no. 1(2008), 113.

8. Sobre a categoria agregado, ver: Iraci del Nero da Costa. “Por uma definição abrangente da categoria ‘agregado’,” *Boletim de História Demográfica*, no. 1(1994).



Fig. 1: Composição com o cabeçalho e o recorte do fogo 23, onde habitava Guardiano José das Chagas, do Maço de População de Guaratinguetá de 1792. Lista Geral de todos os habitantes, 01 e 11.

Guardiano José das Chagas

Foram justamente os maços de população que mantiveram o registro e possibilitaram que o nome do entalhador Guardiano José das Chagas fosse recuperado. A documentação oficial brasileira foi produzida de forma desuniforme e mal acondicionada por muitos anos, de modo que, à medida que retrocedemos os séculos, as lacunas se tornam cada vez mais numerosas e amplas. O nome de Guardiano aparece nas listas de população de Guaratinguetá de 1792⁹ e de 1809¹⁰. No período de dezesseis anos entre esses maços não subsiste nenhum outro recenseamento, além disso, o de 1809 é o último censo desse conjunto que se conhece de Guaratinguetá.

São conhecidas três grafias distintas do nome do entalhador: **Goarino**, forma como foi grafado por Benedito Coupé, provavelmente tendo consultado o maço de 1792¹¹; **Goardiano**, como se acha grafado seu nome no maço de população de 1792; e **Gurdianno**, no maço de Guaratinguetá de 1809. Essas diferenças de nomes são bastante comuns e se davam por equívocos dos recenseadores ou até por conta da dicção dos recenseados, que poderiam pronunciar os próprios nomes de forma pouco inteligível. A decisão dos autores foi a de utilizar **Guardiano**, por ser uma atualização da grafia de Goardiano, um nome relativamente recorrente no período em questão e, portanto, mais plausível de ser o nome de fato do artífice.

9. Lista Geral de todos os habitantes de Guaratinguetá em o primeiro de Janeiro de 1792 (Maços de população, Guaratinguetá, 1792), 113.

10. Mapa Geral dos habitantes existentes no Distrito da 1ª Companhia de Ordenanças da Vila de Guaratinguetá (Maços de população, Guaratinguetá, 1809), 28.

11. Coupé, Catedral de Santo Antônio de Guaratinguetá, 11.

A Lista Geral de Habitantes de 1809 é ainda mais esclarecedora e as poucas linhas do levantamento sobre o fogo onde habitava Guardianio nos respondem a muitas indagações.

Dezessete anos depois do primeiro censo, em 1809, Guardianio José das Chagas aparece como Gurdianno, já um senhor sexagenário. Aqui não há espaço para dúvidas sobre seu estado civil: era casado com Isabel Maria (das Chagas), 23 anos mais jovem que ele, e, calculando pela idade da filha mais velha do casal, esse matrimônio se deu próximo ao ano de 1786, estimando-o aqui um ano antes do nascimento da primogênita, quando Isabel teria 17 ou 18 anos. O entalhador vivia, àquela época, com a esposa e os cinco filhos – Joaquina, Maria, João, Manuel e Ana – além do escravo Antônio e da agregada Ana.

Pelos dados coletados na listagem, Chagas teria nascido em 1745 ou 1744, caso já tivesse aniversariado no ano de 1808, pois os dados do maço de população são do ano precedente. Temos aí um ano que coincide nos dois censos: pelo cruzamento dos dados, fica mais fácil fixar que Guardianio José nasceu em 1744. Sobre seu falecimento, como não há censos de Guaratinguetá depois desse de 1809, e a possibilidade de que o entalhador se mudasse de cidade já idoso diminui bastante, a hipótese mais provável é que tenha terminado seus dias em Guaratinguetá. Procurando nos livros de óbito da Arquidiocese de Aparecida (sob cuja circunscrição eclesiástica se encontra Guaratinguetá), há uma lacuna nos registros da década de 1810, quando provavelmente faleceu, uma vez que a idade por volta dos 70 anos era uma expectativa de vida comum para a classe dos entalhadores nesse período. Seu nome também não aparece em livros de anos mais avançados e a falta dessa informação não nos permite encerrar questão sobre seu óbito.

Novamente, se vasculharmos este maço de população de ponta a ponta, Guardianio é, como no de 1792, o único habitante de Guaratinguetá que “vive de seu *ofício* de *entalhador*.”¹². Essa informação reforça a possibilidade de que o artífice seja o autor dos cinco retábulos mais antigos da Igreja Matriz de Guaratinguetá que, pelo estilo rococó, são possivelmente desse período entre os dois censos, quando a cidade só contava com um entalhador.

Outro fato expectável e que é corroborado pelo levantamento é a cor de Chagas: tanto ele como a esposa e os cinco filhos estão assinalados com a letra “P,” de pardo. Era bastante comum que os negros libertos e, principalmente, os mestiços livres ocupassem a quase totalidade dos serviços mecânicos urbanos: ferreiros, sapateiros, costureiras, carapinas,

12. Mapa Geral dos habitantes, 28

pedreiros, entalhadores, e outras tantas profissões liberais que exigiam algum esforço físico, eram exercidas majoritariamente por esse estrato intermediário entre brancos proprietários e os negros escravizados. Ainda, é emblemático que Guardiano fosse casado com Isabel Maria, esposa da mesma cor que ele, reforçando o fato de que muitos espaços da vivência pública não eram compartilhados entre os brancos e os pardos e negros. As próprias irmandades católicas brasileiras eram um retrato da hierarquia racial presente na ordem escravista, algumas organizadas exclusivamente entre negros libertos, caso das irmandades do Rosário, algumas somente de mestiços, como eram as irmandades das Mercês e as da Boa Morte, e organizações que admitiam apenas brancos, como as ordens terceiras do Carmo. Igrejas que ministravam os sacramentos a pessoas de mais de uma cor chegavam a ter livros de registro de batismo e matrimônio separados: um de cada para brancos, e outro de cada para pardos e negros, como foi o caso da Igreja de São José, no Rio de Janeiro¹³.

A informação mais reveladora está nos locais de nascimento desses indivíduos, acompanhados das idades, o que permite situar razoavelmente a atividade e residência do entalhador e de sua oficina. Seus três filhos mais velhos, Joaquina, Maria e João nasceram entre ca.1787 e ca.1790 na vila de Parati, local de nascimento, também, da esposa de Guardiano, Isabel Maria, em ca.1768, e da agregada, Ana, em ca.1759. Os outros dois, Manoel e Ana, nasceram respectivamente em ca.1794 e ca.1799 na vila de Guaratinguetá. E sabemos, pelo mesmo documento, a origem de Guardiano, natural do Rio de Janeiro, por volta de 1744. Pela informação das naturalidades é possível traçar uma cronologia com os locais onde Guardiano José das Chagas residiu: de seu nascimento a alguns anos antes de 1787, no Rio de Janeiro, deste período a 1791, em Parati, e a partir de 1791 em Guaratinguetá, para onde deve ter se mudado provisoriamente sozinho, provavelmente tendo arrematado um serviço de vulto (talvez a talha da Igreja Matriz) e que, depois de estabelecido, trouxe toda a família para voltar a viver com ele.

A partir de então, não temos informação de que tenha se mudado novamente de cidade e, pela idade que tinha em 1809 (63 anos), acreditamos que tenha terminado seus dias naquela localidade. É importante frisar que a origem de seus filhos não aponta necessariamente sua atividade profissional em local e época específicos, mas certamente aproxima o artífice aqui estudado destes lugares.

13. Nancy Regina Mathias Rabelo. A originalidade da obra de Ignacio Ferreira Pinto no contexto da talha carioca na segunda metade do século XVIII (Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2001), 118-119



Fig. 3 Vilas e Cidades onde Guardiano José das Chagas viveu ou onde há trabalhos seus. Em laranja, as localidades onde habitou: (a) Rio de Janeiro, (b) Parati e (c) Guaratinguetá. Em amarelo, as vilas nas quais há obras que possuem estilemas que acreditamos serem dele: (d) Freguesia do Fação, atual Cunha, e (e) Aparecida. Em marrom, local para onde os retábulos de Aparecida foram deslocados no fim do século XIX: (f) São Paulo. Imagem de Satélite GoogleMaps, editada por Mateus Rosada, 2020.

Note ainda que seria possível imaginar que a naturalidade “Rio de Janeiro” de Guardiano indicaria vagamente que ele era fluminense, nascido na capitania de mesmo nome, sem especificação do município, mas como todos os demais membros do Fogo 103 são indicados como naturais de Parati ou Guaratinguetá, ambos municípios, é bastante seguro afirmar que o entalhador era carioca, natural da cidade do Rio de Janeiro. A sua provável juventude na capital da Colônia vai influenciar sobremaneira o estilo de sua obra.

A influência do Rio de Janeiro no estilo de Guardiano

É possível supor que Guardiano tenha sido aprendiz e exercido o ofício de entalhador nas oficinas do Rio de Janeiro, atuando na execução de determinados conjuntos de talha rococó encontrados na cidade, ou tendo sido influenciado por estes de algum modo, pois a semelhança de seu trabalho com as obras do período na capital da Colônia é latente. Os grandes mestres da talha do Rio de Janeiro, Valentim da Fonseca Silva (Serro, 1745 – Rio de Janeiro, 1813) e Inácio Ferreira Pinto (Rio de Janeiro, 1759-1828),¹⁴ são tributários dos trabalhos do entalhador português Luiz da Fonseca Rosa (Lisboa,

14. Rabelo, A originalidade da obra de Ignacio Ferreira Pinto.



Fig. 4 Altares Laterais das igrejas rococós do Rio de Janeiro: (a) altar de São Miguel na igreja de Santa Rita, (b) do Rosário na Igreja de Santa Efigênia e Santo Elesbão, (c) de Nossa Senhora dos Navegantes na Igreja de Santa Luzia, (d) de São Gonçalo do Amarante na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

ca.1700 - Rio de Janeiro[?], após 1780) e da chamada “Oficina de Santa Rita,” grupo de entalhadores não identificados que atuou naquela igreja de 1753 a 1759¹⁵, dotando-a da primeira talha rococó conhecida no Brasil. É bastante

15. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus (São Paulo: Cosac & Naif, 2003), 188.

provável que Guardiano José das Chagas, nascido por volta de 1744, tenha frequentado o mesmo círculo de artífices que deram os contornos ao rococó carioca. Há visíveis proximidades das obras que acreditamos serem de Chagas, nas suas colunas estriadas, nos capitéis, nos coroamentos, entre outros elementos, com igrejas fluminenses, como as de Nossa Senhora da Guia, em Mangaratiba; de Nossa Senhora da Conceição em Angra dos Reis, do Carmo, em Campos dos Goytacazes; do Convento de Santa Tereza, de Santa Rita, Santa Efigênia e Santo Elesbão, Santa Luzia, Ordem Primeira do Carmo, Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores e Nossa Senhora da Glória do Outeiro, na capital fluminense (Fig.04).

A historiadora da arte Myriam Ribeiro de Oliveira, tratando do rococó religioso da capital carioca, corrobora essa percepção da semelhança estilística que extrapola a capital fluminense, quando afirma que o “modelo de decoração rococó elaborado no Rio de Janeiro estendeu-se a outras cidades da região fluminense, como Angra dos Reis, Parati, Itaboraí, Maricá e Campos dos Goitacazes,¹⁶ percebendo inclusive a similaridade da talha de Parati, onde Guardiano viveu entre 1788 e 1791. Seriam necessários estudos mais aprofundados observando as obras de talha de Angra dos Reis e Mangaratiba, ao sul do Estado do Rio, para aferir com mais precisão o grau de semelhança com a talha das igrejas rococós de Parati, Rosário e Santa Rita, a fim de constatar, ou não, se possuem os estilemas que apontam para a talha de Guardiano.

Depois de Parati, Chagas se estabelece em Guaratinguetá, onde encontraremos, nessa cidade e em algumas de sua área de influência, retábulos, púlpitos e ornamentação em madeira com as mesmas características desse rococó fluminense do qual ele é tributário. É importante frisar essa proximidade cultural de Guaratinguetá, cidade paulista, com a capital fluminense: em que pese a cidade vale-paraibana distar 260km do Rio e apenas 177 de São Paulo, as relações entre o Rio de Janeiro e o Vale do Paraíba eram intensas no período colonial e no império, chegando mesmo a serem mais estreitas do que com a capital paulista, se constituindo, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, como “unidade à parte, com sua fisionomia própria e seus interesses particulares, que não são sempre os do restante da capitania.”¹⁷ O fluxo contínuo de tropas e viajantes entre as minas de ouro e os portos do litoral contribuíram para esse cenário, dando às vilas no caminho do ouro a importante função de pouso e abastecimento dos que por ali circulavam. Um elemento de ordem geográfica que também contribuiu para esse contexto

16. Oliveira, O rococó religioso no Brasil, 93.

17. Sérgio Buarque de Holanda. Vale do Paraíba: velhas fazendas (Rio de Janeiro: José Olympio, 2010), 36.

foi a dificuldade existente no período para se fazer a travessia entre a cidade de São Paulo e o Vale do Paraíba; a região entre as vilas de Mogi das Cruzes e Jacareí era de “rios, restingas e brenhas muitas vezes intransponíveis,” chamada por vezes de “sete pecados capitais.”¹⁸

A Talha de Guardiano José das Chagas

A partir dos Maços de População de Guaratinguetá de 1809¹⁹ e analisando-se semelhanças de traço e estilema, é possível perceber o traço que imaginamos ser de Guardiano José das Chagas em pelo menos seis igrejas, nos municípios de Guaratinguetá e Parati, onde viveu, e algumas povoações vizinhas, como Cunha e Aparecida:

- Na Igreja de Santa Rita, em Parati (RJ), o retábulo-mor e dois colaterais;
- Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em Parati (RJ): também o retábulo-mor e dois retábulos colaterais;
- Na Igreja Matriz de Santo Antônio, em Guaratinguetá (SP), o retábulo-mor, os retábulos do transepto e dois da nave, parte dos púlpitos e ornamentação do arco-cruzeiro,
- Na Igreja de São Gonçalo Garcia, em São Paulo (SP), os púlpitos, altares colaterais, colunas, cartelas e tarja do altar-mor, vindos da Basílica Velha de Aparecida em 1893, quando da reforma que trocou as peças retabulares de lá,
- Na Matriz Basílica de Nossa Senhora Aparecida (Basílica Velha), na cidade homônima (SP), os balaústres, bordas inferiores e sanefas das tribunas, que foram mantidos após tantas reformas,
- Na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Cunha (SP), os retábulos colaterais, e pelo menos as mísulas e colunas do retábulo-mor.

Os retábulos deste conjunto possuem muitas características marcantes e únicas, exóticas para o padrão retabular do contexto paulista. Apresentam, inicialmente, estrutura com o camarim central arrematado em arco pleno e coroamento que se dá, nos retábulos-mores, em frontão

18. Hollanda, 29-30

19. Mapa Geral dos habitantes, 01 e 28.



Fig. 5 Retábulos colaterais que podem ser de Guardiano José das Chagas, nas igrejas de (a) São Gonçalo Garcia, em São Paulo, (b) Santo Antônio, em Guaratinguetá, e (c) Nossa Senhora da Conceição, em Cunha.

curvilíneo ladeado de volutas com moldura superior e resplendor ao centro, forma que ocorre com mais frequência no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, mas inusual nas igrejas na direção de São Paulo. Nos colaterais, a única diferença é na moldura superior, que passa a ser triangular.

Seguindo a percepção que Eduardo Etzel teve em 1974,²⁰ o pesquisador Percival Tirapeli destaca a semelhança dos altares de Cunha com seus pares na Igreja de Santa Rita da fluminense Parati: “Na ornamentação do altar-mor [de Cunha] nota-se a influência recebida da igreja de Santa Rita, da vizinha e litorânea cidade de Parati (RJ), com colunas salomônicas. Nos altares do arco-cruzeiro, verificam-se elementos semelhantes nos arremates superiores dos retábulos, com a presença constante do símbolo do Espírito Santo – uma pomba –, com resplendores que se multiplicam em outras igrejas.”²¹ Percebemos que essa semelhança não se dá apenas entre a igreja de Parati e a Matriz de Cunha, mas também com a Matriz de Guaratinguetá e com as obras que eram da Basílica Velha de Aparecida (à época de sua feitura, um distrito de Guaratinguetá), hoje na Igreja de São Gonçalo paulistana (Fig. 5).

20. Etzel, *O Barroco no Brasil*, 161.

21. Percival Tirapeli. *Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó* (São Paulo: Imprensa Oficial, Edunesp, 2003), 278.

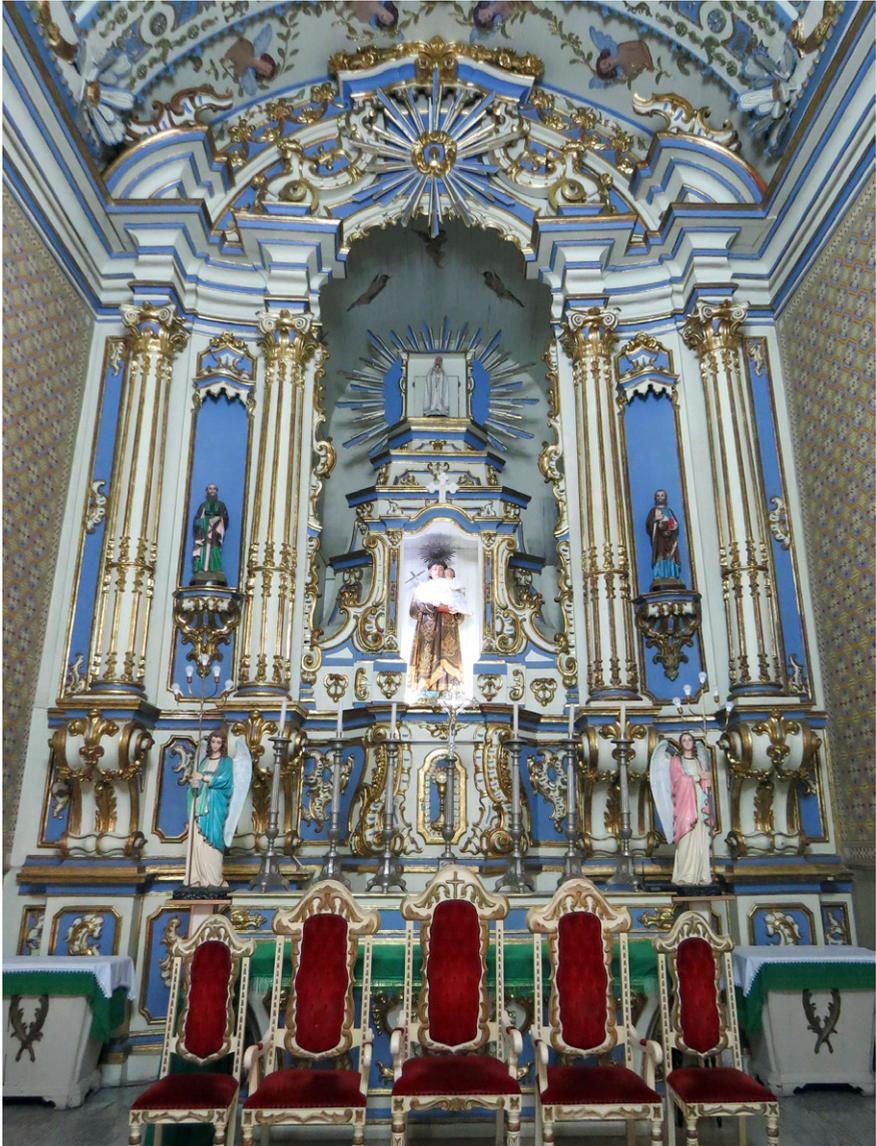


Fig. 6 Retábulo-mor que pode ser de Guardiano José das Chagas, na Igreja Matriz de Santo Antônio, em Guaratinguetá.

Também o tratamento das colunas difere do padrão paulista, pois as colunas são retas e estriadas com frisos salientes. Tais frisos são arrematados tanto no primeiro terço como nas partes superior e inferior do fuste por elementos fitomorfos, semelhantes a botões de flor, que se intercalam nos espaços entre as estrias ou as abraçam. Os capitéis são compostos e

ornados com folhas estilizadas de bordos lineares e sem recortes. A única exceção se dá nas colunas do retábulo-mor de Cunha, que são salomônicas com as espiras ornadas de flores miúdas, mas de um padrão diferente de qualquer retábulo paulista e semelhante às flores que decoram as colunas torsas fluminenses do período.

As colunas estriadas e a forma do coroamento dos retábulos do rococó do Rio de Janeiro, a quem estes que aqui tratamos se filiam, levam Myriam Oliveira a ligá-los a um padrão olisiponense: “Os elementos de maior destaque são as colunas retas e estriadas, acima das quais eleva-se um frontão de linhas sinuosas, com anjos adoradores ajoelhados nos arranques laterais. Essa estrutura reproduz uma tipologia muito comum na região de Lisboa, de onde foi provavelmente importado o modelo.”²² As colunas centrais dos retábulos laterais ou colaterais ainda são substituídas por esbeltas colunas misuladas com elementos do vocabulário *rocaille*, flores e cabecinhas de querubins, e se assentam sobre pedestais bojudos, enquanto as colunas se apoiam da forma mais tradicional, em mísulas. Nos intercolúnios, as peanhas são ornadas com relevos em motivos *rocaille* e os dosséis, em rocalhas conchóides alteradas e estilizadas pelo mesmo vocabulário formal. As cartelas e as tarjas contam com a presença de entrelaçamentos, elementos típicos do estilo regência (padrão formal de origem francesa que influenciou a talha joanina e rococó da região de Lisboa) e/ou amorfismos. Ainda assim, as estrias das conchas são perceptíveis. As bordas são tratadas com volutas que são sempre abraçadas por algum elemento que escapa da composição interior e rodeadas por flores e folhas. Nota-se a presença da representação de folhas de palmáceas, vocabulário de influência pombalina, estilo da corte portuguesa do período. Tal elemento evidencia, mais uma vez, a ligação desse padrão com a ornamentação de Lisboa, disseminada ao Brasil predominantemente via Rio de Janeiro.

A Itinerância das Oficinas

Em relação aos entalhadores, além de Guardiano José das Chagas, são conhecidos ao menos dois nomes de artífices fluminenses em atuação no Vale do Paraíba no período aqui analisado. Atua no mesmo período e região o entalhador João da Cruz, natural do Rio de Janeiro, a quem são atribuídos conjuntos de talha em Taubaté e Tremembé, localizados no Vale, bem como

22. Oliveira, O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus, 188.

Mogi das Cruzes e Guararema, entre o Vale do Paraíba e a cidade de São Paulo²³. Um outro entalhador com conexões com o Rio de Janeiro, mais antigo, é Joaquim Francisco Peres, indicado no recenseamento de 1778 como “alferes de uma companhia anexa ao Rio de Janeiro.”²⁴ A presença de artífices cariocas na região não se restringe a esse período, estendendo-se no tempo com a presença de entalhadores praticando o estilo da capital da Colônia ainda em meados do século XIX, como nos demonstram os retábulos laterais de Santa Teresinha e Nossa Senhora do Carmo da Matriz de Guaratinguetá, já com a mesma padronagem neoclássica em voga no Rio de Janeiro, estilo de entalhadores cariocas como Manoel Francisco dos Santos Deveza.²⁵

Analisando a trajetória desses artífices em relação a outros entalhadores do período, vemos que a demanda pela ornamentação de templos era distribuída de maneira bastante variável geograficamente, com a existência de poucos núcleos urbanos mais densos e um sem-número de arraiais e pequenas vilas, onde as matrizes e capelas, para atender a população pouco numerosa, eram muitas vezes despojadas em sua decoração e seu ornato. Como referência do porte das vilas e cidades de então, é possível comparar a população de três localidades constantes no recenseamento da Província de São Paulo conduzido em 1836.²⁶ A cidade de São Paulo, capital da província, somava 21.933 habitantes, sendo 9.391 no centro urbano; a vila de Guaratinguetá, um polo regional, já importante entreposto e com certa influência sobre os arraiais vizinhos, tinha um terço da população da capital: contava 7.658 habitantes. Com base nesses números, é possível classificar Guaratinguetá como uma vila de médio porte. E, ainda que não tenhamos dados da população de Parati, a outra vila na qual Chagas instalou-se com sua oficina na década de 1780, é possível perceber que existia uma dinâmica social e econômica que possibilitava aos artífices se fixarem por consideráveis períodos em vilas de porte médio, polos regionais que concentravam as atividades tropeiras, su-crocultoras, pecuaristas, portuárias, ou mineradoras de determinada região.

Já a Vila de Cunha era um centro menor, com 3.403 almas, caso semelhante ao de Aparecida, ainda uma freguesia vinculada a Guaratinguetá (emancipada apenas no século XX). Os pequenos núcleos dependiam das vilas maiores, ou centros regionais ou grandes cidades da época, para realizarem

23. Rosada, *Igrejas Paulistas da Colônia e do Império*, 310.

24. Lista Geral de todos os habitantes da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá e seu termo feita no ano de 1778 de que é Capitão-Mor Manuel da Silva Reis (*Maços de População, Guaratinguetá, 1778*), 20.

25. Rosada, *Igrejas Paulistas da Colônia e do Império*, 230.

26. Daniel Pedro Müller. *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo* (São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978).

obras mais vultuosas, como era os casos das matrizes e de sua ornamentação, e para essas empreitadas era necessário recorrer aos profissionais estabelecidos em outras paragens, mas nunca distantes a muitas léguas, uma vez que as vias eram muito precárias e o transporte de peças grandes, como é o caso de peças de um retábulo, muito penoso àquela época. Para se ter uma ideia, um carro de boi, único transporte terrestre para cargas pesadas e/ou volumosas do período colonial, percorria uma distância de apenas duas léguas (cerca de 12km) por dia; uma igreja distante apenas oito léguas (cerca de 48km) da oficina, como era o caso da Matriz de Cunha em relação a Guaratinguetá ou Parati (quase equidistantes a partir de lá) levaria quatro dias para receber a encomenda.

Diferente era a situação dos grandes centros urbanos do período colonial, que eram, quase que exclusivamente, capitais e/ou sedes de bispado. À exceção do caso da Capitania das Minas Gerais, na qual a capital era Vila Rica e o bispado se localizava na vizinha Mariana, todas as outras sedes episcopais eram também capitais. Uma capital movimentava a economia por conta de seu aparato burocrático, já a diocese fazia o mesmo, mas com a estrutura administrativa curial, que movimentava em muito a produção específica de arte religiosa. Em quase todas as cidades episcopais ou sedes de capitania, como Salvador, Vila Rica (atual Ouro Preto), Olinda, Recife (tornada capital em 1825) e Rio de Janeiro, se formaram oficinas “permanentes” de entalhadores e, não raro, havia, nessas cidades, mais de um grupo de entalhadores que competiam pelos serviços que surgiam. Por haver um volume maior de trabalho, muitas dessas oficinas mantinham sua atividade circunscrita aos limites municipais e suas imediações, por vezes até mesmo sem ocorrerem obras fora do município onde estavam sediadas. Podemos citar um entalhador da mesma geração de Guardiano cuja atuação se restringe praticamente apenas à cidade do Rio de Janeiro, onde atuou pela quase totalidade de sua carreira: Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim, entalhador que gozou de renome e foi responsável por grandes conjuntos de ornamentação em diversos templos cariocas. A grande demanda existente na cidade do Rio absorvida pelas oficinas locais fez com que aos entalhadores ali estabelecidos muitas vezes não fosse necessário ir à procura de clientela em outras paragens.

Localidades menores, pelo contrário, tinham uma demanda pontual pelo trabalho desses artífices, ocorrendo muitas vezes com espaçamento de vários anos. Havia, no entanto, uma vantagem a quem se estabelecesse num centro médio, polo regional: a possibilidade de ser, como Guardiano José das Chagas, o único profissional habilitado naquela especificidade em toda a vila,

facilitando, no caso de alguma demanda, que fosse ele o contratado para a empreitada, eliminando, indiretamente, a concorrência que havia entre oficinas nas cidades maiores. Essa dinâmica levou ao modo itinerante que caracteriza a sua atuação e a dos outros entalhadores citados acima: João da Cruz e Joaquim Francisco Peres. Nesse aspecto, o caso de Guardiano José das Chagas é exemplar em demonstrar esse padrão de operação. O entalhador, à busca das empreitadas de ornamentação de igrejas e capelas, se deslocava a um novo local de moradia, onde exercia seu ofício por um período de tempo, atendendo a demandas da clientela existente naquela vila e nas proximidades.

Outra dinâmica de itinerância de oficina é esmiuçada em recente artigo de Letícia Martins de Andrade, abordando a dinâmica de trabalho organizada em torno do pintor Joaquim José da Natividade na região das Vertentes e no Sul de Minas. Nesse caso, Natividade era provavelmente o artífice à frente de diversos profissionais, entre entalhadores e pintores, criando riscos para obras diversas, e executando pinturas de forros, trabalhos de policromia e ornamentação em talha. Outro diferencial é que, a despeito da "itinerância" referida, o pintor tinha suas atividades sediadas em São João del-Rey, se deslocando por temporadas a diversas localidades na região mencionada:

Entendemos que ele deve ter se mantido longamente sediado na vila de São João del-Rei e se deslocado pela região à medida do surgimento dos novos trabalhos. Acreditamos ainda que devesse orquestrar uma oficina composta de artífices com as mais variadas atribuições, incluindo a talha, a pintura, a policromia e o douramento, que podia mobilizar e deslocar igualmente à mercê da ocorrência de novos contratos, ou subcontratar mão de obra local, quando possível e necessário.²⁷

Para compreender essa dinâmica territorial de itinerância, alguns fatores devem ser levados em consideração, como a população rarefeita de algumas localidades, e a sua relativa falta de meios materiais e humanos para a realização de grandes obras. No que diz respeito, por exemplo, às igrejas matrizes, é numerosa na documentação do Conselho Ultramarino a correspondência contendo os pedidos oriundos da colônia requisitando esmolas ao rei de Portugal para a edificação, reforma e ornato das igrejas paroquiais. Aqui é fundamental ressaltar que esses documentos não devem ser interpretados à risca, sendo necessário considerar a dimensão retórica dos textos endereçados ao monarca.

Em 1752, na freguesia do Facão, que depois seria elevada a Vila de Cunha, os fregueses descreviam a sua igreja paroquial como tendo "[...] só o

27. Letícia Martins de Andrade. "Os conjuntos retabulares sul-mineiros e os indícios da constituição de uma oficina itinerante em torno de Joaquim José da Natividade," *Revista Rocalha* 1(2020), 154.

pavimento coberto, exceto o da Capella mor que não está acabada por faltarem as posses que também não há para se pagarem conhecenças; e para sossego parecia melhor acabar-se(?): e não menos está falta de ornamentos a mesma Igreja, que se remedeia com uns insuficientes da Capela Velha: a incompreensível piedade, e inimitável zelo de vossa Magestade seja com nosso amparo por meio da esmola que suplicamos [...].”²⁸ De teor semelhante é uma carta de 1763, enviada pela câmara da Vila de Taubaté que relata “[...] o deplorável estado em que estão reduzidos os moradores desta vila, pelo grau da pobreza, que lhes tem decepado as forças, tanto, que nem para o culto divino, e templo da paróquia podem dar o menor subsidio.”²⁹ Não somente nos pedidos de esmola encaminhados ao rei por meio do Conselho Ultramarino constam descrições da condição das igrejas paroquiais e capelas; uma fonte que nos permite conhecer um pouco desse contexto são os registros das visitas pastorais, promovidas pelos bispos de modo a averiguar a conduta do clero e dos fiéis, e verificar o asseio e a manutenção dos templos, como previsto no Concílio de Trento. Por exemplo, pela visitação do padre Policarpo de Abreu Nogueira, realizada em Guaratinguetá em 1770, nos é dado conhecer o “[...] ruinoso, e indecente estado, em que se acha o corpo da sua Igreja Matriz,”³⁰ poucos antes do início de sua reedificação, arrematada dois anos depois.

E ainda sobre a circulação na região de artífices de fora da Capitania de São Paulo, no que diz respeito às suas relações com os profissionais paulistas, há evidências de uma cooperação entre estes dois grupos, como aponta Maria Lucília Viveiros de Araújo: “Foram nas oficinas dessas ordens religiosas [benedictinos, carmelitas e franciscanos paulistas, na segunda metade do século XVIII] onde se formaram as primeiras ‘escolas’ de arte do mundo colonial. Quando precisavam de tarefas especiais, não havendo especialistas no local, contratavam mestres de outras capitanias. Essa circulação de mestres na colônia possibilitava a divulgação de técnicas e motivos entre vários mestres. No setecentos já havia oficinas de mestres leigos que prestavam serviços a essas ordens e às irmandades leigas.”³¹

28. Representação do vigário e paroquianos da freguesia da Conceição do Facão, Comarca da vila de Guaratinguetá, a D. José I (20 de agosto, 1752), 03.

29. Carta dos oficiais da Câmara da vila de São Paulo [Taubaté], à rainha D. Maria I, informando que após a ruína da igreja matriz desta vila, foi edificada uma Capela-mor, e esta necessita de ajuda de custo para poder pôr os seus ornamentos (25 de novembro, 1792), 03.

30. Requerimento do capitão Manuel da Silva Reis, do alferes Manuel Alvares Franco e doutros habitantes da freguesia da vila de Guaratinguetá a D. José I (Anterior a 21 de julho, 1772), 02.

31. Maria Lucília Viveiros de Araújo. Mestre-pintor José Patrício da Silva Manso e a pintura paulistana do setecentos (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1997), 46.

Considerações finais

Os estudos sobre arte sacra colonial luso-brasileira vêm em anos recentes investigando contextos e tópicos muito diversificados dentro do assunto, perscrutando desde as relações sociais e de trabalho entre os artífices, as subdivisões e variantes regionais ainda pouco conhecidas dos estilos de talha, e mesmo revelando a identidade e a trajetória de artífices até então anônimos. A massa crítica e documental reunida pelos pesquisadores atuais se une à de seus antecedentes, responsáveis pela consolidação do saber acumulado dentro do campo ao longo do século XX, por meio de obras de vulto e de síntese. O trabalho de pesquisa descentralizado e colaborativo é um imperativo inevitável em um país de dimensões continentais como o Brasil, e frente à massa documental colossal disponível e muitas vezes ainda inédita. E dessa maneira vai se formando um retrato cada vez mais abrangente e diverso da vida e obra dos artífices do período colonial no Brasil, reatando pontas soltas, abrindo novas vias de abordagem, e valorizando o patrimônio artístico e histórico do país.

Guardiano das Chagas é um desses artistas que aparecem e vão se tornando mais palpáveis com o exame da documentação, das obras a ele atribuídas, e como no caso deste texto, de seu percurso profissional e seu trânsito no território. Um entalhador com um trabalho caracterizado pelo refinamento e erudição, e cuja atuação se deu em boa parte fora dos maiores centros políticos e econômicos do espaço colonial. Com a sua oficina, foi “aonde o povo está” e tiraria ali o seu ganha-pão. Nas vilas sertanejas, à margem do caminho de tropas carregadas de ouro e diamante, de farinha de mandioca e toucinho, surgiam também, e graças à essa dinâmica itinerante dos artífices, obras de grande erudição que ainda hoje encantam os locais e os viajantes.

Bibliografia

- Andrade, Letícia Martins de. “Os conjuntos retabulares sul-mineiros e os indícios da constituição de uma oficina itinerante em torno de Joaquim José da Natividade.” *Revista Rocalha* 1, ano 1 (2020), 99-159.
- Araújo, Maria Lucília Viveiros de. *Mestre-pintor José Patrício da Silva Manso e a pintura paulistana do setecentos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1997.

- Bacellar, Carlos de Almeida Prado. Arrolando os habitantes no passado: as listas nominativas sob um olhar crítico. *Revista Locus, Juiz de Fora*, vol. 14, no. 1(2008): 113-132, <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/31575/21032>.
- Bonnet, Márcia C. Leão. Entre o artifício e a arte: pintores e entalhadores no Rio de Janeiro setecentista. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2009.
- Brustoloni, Júlio. História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: A imagem, o santuário e as romarias. Aparecida: Editora Santuário, 1998.
- Carta dos oficiais da Câmara da vila de São Paulo [Taubaté], à rainha D. Maria I, informando que após a ruína da igreja matriz desta vila, foi edificada uma Capela-mor, e esta necessita de ajuda de custo para poder pôr os seus ornamentos. 25 de novembro, 1792. Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 11, Doc. 1961. Manuscrito microfilmado.
- Costa, Iraci del Nero da. "Por uma definição abrangente da categoria 'agregado'." *Boletim de História Demográfica* 1, 1994.
- Coupé, Benedito Dubsy. A Catedral de Santo Antônio de Guaratinguetá: 1630-2000. Guaratinguetá: Secretaria de Estado de Cultura, Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Rodrigues Alves, 2000.
- Etzcel, Eduardo. O Barroco no Brasil: Psicologia e remanescentes em São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- Gayean, Thales Vargas. A talha da matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá: o Rococó carioca no Vale do Paraíba paulista. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto: Mariana, 2018.
- Hollanda, Sérgio Buarque de. Vale do Paraíba: velhas fazendas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- Lista Geral de todos os habitantes da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá e seu termo feita no ano de 1778 de que é Capitão-Mor Manuel da Silva Reis. Maços de População, Guaratinguetá, 1778. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Manuscrito digitalizado. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/macos_populacao.
- Lista Geral de todos os habitantes de Guaratinguetá em o primeiro de Janeiro de 1792. Maços de população, Guaratinguetá, 1792. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Rolo 07.02.058. Manuscrito microfilmado.

- Mapa Geral dos habitantes existentes no Distrito da 1ª Companhia de Ordenanças da Vila de Guaratinguetá em o presente anno Seus Nomes, Empregos, Naturalidades, Estados, Cores, e ocupações, com especificação das Casualidades que acontecerão, em cada uma de suas respectivas famílias desde a feitura da Lista no ano antecedente. Maços de população, Guaratinguetá, 1809. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Manuscrito digitalizado. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/macos_populacao.
- Müller, Daniel Pedro. Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- Nascimento, Milton, e Fernando Brant. "Nos Bailes da Vida." LP Caçador de Mim. Rio de Janeiro: Ariola, 1981.
- Oliveira, Myriam Andrade Ribeiro de. O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- Rabelo, Nancy Regina Mathias. A originalidade da obra de Ignacio Ferreira Pinto no contexto da talha carioca na segunda metade do século XVIII. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2001.
- Representação do vigário e paroquianos da freguesia da Conceição do Facão, Comarca da vila de Guaratinguetá, a D. José I. 20 de agosto de 1752. Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 20, Doc. 1961. Manuscrito microfilmado.
- Requerimento do capitão Manuel da Silva Reis, do alferes Manuel Alvares Franco e doutros habitantes da freguesia da vila de Guaratinguetá a D. José I, em que dizem que, devida ao estado de ruína em que se encontra a Igreja Matriz dessa vila, o reverendo visitador convocou o juiz ordinário, Câmara e mais personalidades em destaque e, com eles, fez uma concordata que tinha por fim a reedificação da igreja. Anterior a 21 de julho de 1772. Arquivo Histórico Ultramarino, Cx. 28, Doc. 2599. Manuscrito microfilmado.
- Rosada, Mateus. Igrejas Paulistas da Colônia e do Império: Arquitetura e Ornamentação. Tese de Doutorado, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo: São Carlos, 2016.
- Tirapeli, Percival. Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó. São Paulo: Imprensa Oficial, Edunesp, 2003.